

Formas contemporâneas da luta de classes¹

Tatiana Khabarova

Janeiro de 2000

Para combater com êxito qualquer mal, é preciso antes de mais compreender claramente o que é que propriamente se combate – i.e. qual a natureza desse mal, como é que ele age e como nos ameaça.

O facto de as forças que se opuseram aos processos destruidores no território da URSS não terem conseguido até hoje consolidar-se e impedir de forma minimamente notória a destruição explica-se justamente, e de longe em última instância, pela ausência de uma compreensão consensualizada da situação.

Quando nós – Movimento dos Cidadãos da URSS e Plataforma Bolchevique no PCUS – começamos a expor a nossa avaliação do que aconteceu como uma derrota temporária da URSS na Terceira Guerra Mundial, ou guerra psicológica-informativa, logo nos objectam que é preciso procurar as causas «*não externas, mas de classe*» do que aconteceu. I.e., instantaneamente (pode dizer-se instintivamente) coloca-se um sinal de igualdade entre as causas de **CLASSE** e as causas **INTERNAS** – que agem (ou que agiram) apenas no quadro da sociedade soviética, apenas no interior do nosso país.

Mas tal «*instinto*» – apesar de ter uma nobre proveniência marxista – hoje de maneira nenhuma é proveitoso. A luta de classes, como qualquer fenómeno social, não pode existir eternamente sempre nas mesmas formas, as suas manifestações alteram-se historicamente, desenvolvem-se, tornam-se mais complexas. É certo que os fundadores do marxismo eram partidários convictos da dialéctica hegeliana, da ideia das contradições internas como origem do desenvolvimento de cada objecto. Mas a própria noção do que se encontra «*fora*» e do que está «*dentro*» também se altera. Porque é que «*dentro*» tem de significar absolutamente e apenas no «*interior*» de um determinado país? Quando se lançou a palavra de ordem «*Proletários de todos os países, UNI-VOS!*», porventura a luta de classes não se tornou dessa forma consciente e constituída, no plano teórico-ideológico e prático, como um fenómeno

¹ Primeiro de dois artigos originalmente escritos para a *Northstar Compass*, os quais a revista canadiana nunca publicou. Vieram a ser publicados nos jornais *Iskra*, n.º 2 (145) de Junho de 2000 e no *Slovo Kommunist* (cidade de Odessa), n.º 4, Agosto de 2000.

INTERNACIONAL? E depois de toda esta série de acontecimentos na arena mundial não deverão porventura ser considerados como «**INTERNOS**» os elementos da confrontação global entre o trabalho e o capital?

O processo de internacionalização da luta de classes entrou numa nova fase qualitativa quando no mapa político do mundo surgiu o Estado da revolução socialista vitoriosa, o Estado de operários e camponeses – a União Soviética. Desde esse momento as confrontações inter-estatais armadas da Rússia Soviética, depois URSS, com o cerco adversário-agressivo capitalista tornaram-se parte indissociável do que acontecia no «*interior*» do nosso país. A afirmação do poder soviético e das relações socialistas de produção, a eliminação da exploração, a repressão dos restos das classes exploradoras, os êxitos da construção do socialismo – tudo isto provocou ao inimigo de classe no estrangeiro medo pelo seu futuro e uma hostilidade enraivecida que o impeliu para aventuras militares directas contra o país dos soviéticos, assim como para o desenvolvimento de uma intensa actividade subversiva – a criação de uma «*quinta coluna*», etc.

Depois da Grande Guerra Patriótica, quando se tornou claro que não seria possível destruir a URSS por via de um ataque militar directo, a luta de classes internacional adquiriu uma nova forma, extraordinariamente subtil – a forma da guerra «*fria*» ou psicopolítica. No Congresso dos Cidadãos da URSS, realizado em 1995, assinalou-se que a verdadeira super-arma desta nova guerra mundial – a Terceira – não foram os mísseis com ogivas nucleares, mas a **INSTIGAÇÃO DA TRAIÇÃO NACIONAL**, i.e., a traição nacional longa e minuciosamente preparada pelo inimigo nos altos escalões da direcção partidária-estatal soviética (ver, jornal *Svetotch*, n.º 35, Novembro de 1995 – Janeiro de 1996, p. 1).

Nesta guerra, na presente etapa, sofremos uma derrota brutal, catastrófica. Porém, uma das principais razões dessa derrota foi exactamente o facto de os dirigentes soviéticos, antes do período de Gorbachov, não terem sido capazes de identificar oportunamente tudo o que estava a acontecer precisamente como uma nova guerra mundial – apesar de os próprios norte-americanos, em geral, nunca terem feito esforços particulares para esconder tal facto.

Mas absolutamente incompreensível é a circunstância de as nossas actuais «*forças de esquerda*» se recusarem categoricamente a reconhecer esta guerra evidente como uma guerra – apesar de viverem há quase uma década no território da sua Pátria de facto ocupado, sob o poder de colaboracionistas declarados, de regimes *quislingistas*.² Como poderá formar-se uma Resistência se não há sequer uma compreensão clara do que aconteceu? E mais acontecerá se continuarmos passivamente a procurar factores «*internos*» da catástrofe, quando é preciso repelir o inegável e fatalmente perigoso expansionismo estrangeiro.

Todavia, os nossos «*marxistas*» asseveram obstinadamente que a mudança de regime social no país só poderá acontecer em resultado de determinados processos internos.

Em que consiste o erro de semelhantes juízos?

Eles não distinguem a destruição mecânica do regime social existente da transição para outro regime sob a acção de uma determinada lei histórico-objectiva.

² Referência ao regime colaboracionista na Noruega, após a invasão nazi, liderado por Vidkun Quisling (1887-1945). Depois da libertação, Quisling foi julgado, condenado por alta traição e fuzilado em Outubro de 1945. (*N. Ed.*)

A lei objectiva que determina a transição entre formações (i.e., transições de uma regime para outro) é a lei da correspondência das relações de produção ao carácter e nível de desenvolvimento das forças produtivas de uma dada sociedade. Esta lei age de modo a que, sob a pressão das novas necessidades do desenvolvimento das forças produtivas, as relações obsoletas de produção (relações de base) são quebradas e substituídas por novas relações mais progressistas, após o que começa um poderoso surto das forças produtivas da sociedade. Esta é a fórmula, ou esquema, da mudança de regime social no sentido **CIENTÍFICO** deste termo.

Mas também pode acontecer que um regime social seja simplesmente destruído mecanicamente, desmantelado – em resultado de uma agressão contra um determinado Estado e da sua ocupação de facto. Isto não tem conexão com a correlação da base e das forças produtivas desse país ocupado, e neste caso **NÃO SE PODE** falar de mudança de regime social, no sentido **CIENTÍFICO** da palavra. Pergunta-se: o que é que aconteceu com o regime socialista na URSS?

A resposta a esta pergunta só pode ser uma, – na URSS teve lugar o desmantelamento mecânico ocupacionista do socialismo, orientado não para o ascenso, mas para a destruição das forças produtivas do país, para a sua desindustrialização, liquidação das suas produções de alta tecnologia, comprometimento, se possível irreversível, do seu potencial de defesa, de quadros científico-técnicos e de todos os outros. Na União Soviética **NÃO EXISTIU** mudança do regime social **NO SENTIDO MARXISTA-CIENTÍFICO**.

De forma tão deliberada e planificada como o desmantelamento das relações sociais socialistas foi orquestrada uma certa realidade virtual – como hoje se diz – destinada a disfarçar o desmantelamento (e o inevitável genocídio da população dele decorrente), sob a capa da chegada da «liberdade», da «democracia» e da «*economia de mercado*». Tomar seriamente o pseudocapitalismo virtual russo por um qualquer regime social de pleno direito e preparar contra ele a «*segunda revolução socialista*» – significa ir ao encontro das mais belas esperanças da NATO além-oceano e dos seus planeadores e criadores da guerra *psicotrónica*.

Sem quaisquer dúvidas que nos encontramos e devemos agir no elemento de uma encarnizada luta de classes, mas a forma dessa luta de classes de que somos vítimas na presente situação não se chama apenas e simplesmente «*restauração do capitalismo*», mas chama-se «*agressão psicopolítica do inimigo de classe transnacional, disfarçada sob a capa da restauração do capitalismo*».

Correspondentemente, tanto os métodos de condução desta luta do nosso lado, as suas forças motrizes, o seu nutriente ideológico, etc. – tudo isto deve ser ter uma configuração substancialmente diferente, da que teria se estivéssemos confrontados com a questão do derrubamento do capitalismo de novo surgido «*autenticamente*», e não virtualmente.

Mas sobre isso falaremos nos próximos artigos.

Moscovo, 5 de Janeiro de 2000

Tatiana Khabarova

Doutorada em Ciências Filosóficas

Secretária-coordenadora da Plataforma Bolchevique no PCUS

Membro do Comité Executivo do Congresso de Cidadãos da URSS